



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS

WELIDA MARIA GOUVÉIA SILVA

**A RESISTÊNCIA SILENCIOSA DA NEGRA GENOVEVA PIA NA OBRA OS
TAMBORES DE SÃO LUÍS DE JOSUÉ MONTELLO: uma análise sobre o processo
de luta por liberdade de uma mulher negra e escrava.**

Itapecuru-Mirim/ MA
2018

WELIDA MARIA GOUVÉIA SILVA

**A RESISTÊNCIA SILENCIOSA DA NEGRA GENOVEVA PIA NA OBRA OS
TAMBORES DE SÃO LUÍS DE JOSUÉ MONTELLO: uma análise sobre o processo
de luta por liberdade de uma mulher negra e escrava.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Centro de
Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, para obtenção
do grau de licenciado em Língua Portuguesa e
Literatura.

Orientador (a): Prof.^a Esp. Katiana Oliveira dos Santos.

Itapecuru-Mirim/ MA
2018

Silva, Welida Maria Gouveia.

A resistência silenciosa da negra Genoveva Pia na obra Os Tambores de São Luís de Josué Montello: uma análise sobre o processo de luta por liberdade de uma mulher negra e escrava/ Welida Maria Gouveia Silva.– Itapecuru- Mirim, 2018.

48 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Campus de Itapecuru – Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Profa. Esp. Katiana Oliveira dos Santos.

1. Escravidão. 2. Mulher. 3. Resistência 4. Preconceito.I. Título.

CDU 821.134.3(812.1)-055.2

WELIDA MARIA GOUVÉIA SILVA

**A RESISTÊNCIA SILENCIOSA DA NEGRA GENOVEVA PIA NA OBRA OS
TAMBORES DE SÃO LUÍS DE JOSUÉ MONTELLO: uma análise sobre o processo
de luta por liberdade de uma mulher negra e escrava.**

Aprovado em ____ / ____ / 2017

Nota _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Katiana Oliveira dos Santos (Orientadora)

Prof.^a Esp. Maurílio Barros Cardoso (1º Examinador)

Prof.^a Esp. Jarlisson Sebastião Araujo Silva (2º Examinador)

A todas as mulheres negras que resistem até hoje as consequências da escravidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por dá-me força e fé para suportar as adversidades nesta longa jornada, sabedoria para distingui-las e paciência para suportá-las.

Aos meus pais, Benedito e Maria Francisca, aos meus irmãos pela dedicação e incentivo durante toda a minha vida estudantil. Ao meu namorado Antonio pela atenção e carinho a quem recorro nos momentos de alegrias e tristezas.

Aos meus avós, afrodescendentes, inspiração para desenvolver em mim o amor pela cultura afro.

A minha amiga de infância, Elizabeth Pires por estar comigo em todos os momentos da minha vida.

Agradeço também aos professores e professoras que passaram por minha vida e contribuíram de forma significativa com a minha formação intelectual, ética e moral, em especial aos professores: Maurílio Cardoso, Hellen Mamede, Jessiana Fonseca, Theotônio Fonseca e Helena Gomes que embora estivessem exercendo seus papéis de professores não deixaram de se sensibilizarem com os alunos e suas necessidades, conquistaram meu carinho e criaram laços de amizade.

Sou grata também as minhas amigas de sala de forma especial ao quinteto ao qual faço parte; Cleonice, Dayany, Letícia, Samara, pela amizade, apoio, por dividirem comigo alegrias, tristezas, lágrimas e conquistas durante esse processo tão importante da vida. Com carinho a Letícia Ferreira, minha amiga e companheira de tema, o qual dividiu comigo pensamentos e pesquisas.

À professora Samira Fonseca, minha co-orientadora, que me ajudou nas pesquisas e teve grande participação no desenrolar do tema e na construção desta monografia.

À professora Katiana Santos, minha orientadora, sempre paciente e disposta a ajudar-me com conselhos, sugestões e subsídios para o desenvolvimento deste trabalho, ela que ouviu inúmeras vezes minhas lamentações e dúvidas. Enfim, sou grata a todos que sempre estiveram ao meu lado, de forma direta e indiretamente apoiando e incentivando-me para prosseguir com os meus estudos.

“Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes da minha”.

Audre Lorde

RESUMO

A presente pesquisa faz uma reflexão sobre “A resistência silenciosa da negra Genoveva Pia” baseada na obra Os Tambores de São Luís do escritor Josué Montello. Esta análise literária fundamenta-se na realidade histórica do período colonial e do regime escravocrata no Maranhão no final do século XIX e início do séc. XX. Assim como a questão da luta por liberdade de uma mulher negra em uma sociedade patriarcal, machista e racista. Tendo a figura de Genoveva Pia, escrava liberta, vodúnsi e abolicionista como contraste ao regime opressor. O enredo retrata a saga do negro Damião e de muitos outros negros que compuseram o cenário escravocrata em meio ao tráfico negreiro, sofrimentos e injustiças que os africanos foram expostos. Deste modo, serão observadas e discutidas nos capítulos as ações femininas que até os dias atuais lutam contra preconceito de gênero e raça. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica evidenciando as teorias de alguns estudiosos sobre a resistência da mulher negra. Espera-se que através deste estudo o leitor chegue a compreender as lutas silenciosas das mulheres negras como meio de sobrevivência.

PALVRAS-CHAVE: Escravidão. Mulher. Resistência. Preconceito.

RÉSUMÉ

Cette étude est une réflexion sur « La résistance silencieuse de la noire Genoveva Pia », basé sur le travail *Les tambours* de l'écrivain Saint-Louis Joshua Montello. Cette analyse littéraire est basée sur la réalité historique de la période coloniale et le régime esclavagiste en Maranhão à la fin du XIX^e siècle et au début du XX^e siècle, ainsi que la question de la lutte pour la liberté d'une femme noire dans une société patriarcale, machiste et raciste. Comme le puits de la figure Geneviève, esclave libérée, et la suppression vodunsi comme la différence du régime d'oppression. L'intrigue dépeint la saga de noir Damian et beaucoup d'autres esclaves noirs qui composaient la scène au milieu des souffrances, traite négrière et les injustices que les Africains ont été exposés. De cette façon, les actions des femmes qui luttent jusqu'à aujourd'hui contre les préjugés de genre et de race seront observées et discutées dans les chapitres. La méthodologie utilisée était la recherche bibliographique mettant en évidence les théories de certains chercheurs sur la résistance de la femme noire. Nous espérons que cette étude permettra au lecteur de comprendre les luttes silencieuses des femmes noires comme moyen de survie.

MOTS-CLÉS: Esclavage. Femme. Résistance. Préjugé.

LISTA DE TABELA

Tabela 01 – Atividades comerciais	15
Tabela 02 – População da Província do Maranhão em 1822	19

LISTA DE SIGLAS

ABL	- Academia Brasileira de Letras
CCN	- Centro de Cultura Negra do Maranhão
CERIS	- Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais
FBSP	- Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IPEA	- Instituto de pesquisa Econômica Aplicada
UEMA	- Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	- Universidade Federal do Maranhão
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A SOCIEDADE ESCRAVISTA MARANHENSE NO SÉCULO XIX.....	14
2.1 A escravidão no Maranhão oitocentista.....	14
2.2 A economia maranhense	17
2.3 A condição mulher negra na sociedade escravocrata.....	20
3 OS TAMBORES DE SÃO LUÍS: uma análise literária	25
3.1 Josué Montello: uma breve biografia	25
3.2 Estrutura da obra	30
3.3 Enredo	31
4 A RESISTÊNCIA SILENCIOSA DA PERSONAGEM GENOVEVA PIA.....	33
4.1 Caracterização e definição da personagem.....	33
4.2 A resistência silenciosa como meio de sobrevivência durante á escravidão	35
4.3 A religião de Genoveva Pia: vodúnsi da Casa das Minas.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS	49

1 INTRODUÇÃO

A História da escravidão no Brasil tem sido escrita praticamente na sua grande maioria por homens, enfatizando uma problemática quase que exclusivamente do ponto de vista do gênero masculino. Excluindo ou tornando invisível, muitas vezes a participação da mulher nesse processo. Tratando-se da mulher negra este dilema é ainda mais complexo, levando em consideração o preconceito de raça e gênero, não dando a elas o reconhecimento merecido de seu fundamental papel na sociedade.

Os objetivos deste estudo é evidenciar a participação feminina no combate à escravidão no Maranhão, tendo como referência a personagem Genoveva Pia da obra Os Tambores de São Luís, do escritor maranhense Josué Montello, fazendo uma correlação da narrativa com a realidade escravocrata do século XIX e início do sec. XX. A figura desta mulher militante, que rompe com as ideologias sociais para ajudar seus irmãos de cor tem a representatividade também na resistência. Além de possibilitar a aproximação e construção entre a cultura africana e a brasileira e de suas identidades, favorecendo a leitura e a valorização das obras afro-brasileiras.

Muitos são os questionamentos sobre o papel da mulher negra no regime escravocrata, um deles é: em que sentido esta Resistência silenciosa, contribuiu para a reflexão do papel social da mulher negra, na libertação dos escravos e para a conscientização da sociedade á cerca da importância destas mulheres na luta por liberdade?

Estudar a trajetória e o papel social da mulher negra dos tempos coloniais até a atualidade é também enfatizar a sociedade, partindo assim para uma compreensão das diversas relações que impulsionaram o sexo feminino a lutarem em prol da liberdade. As lutas e resistências do movimento feminista negro começam desde o tráfico, a vinda da África, muitas vezes de forma silenciosa, para sobreviver, porém, não deixa de ser uma forma de defesa a exploração, mas também, como uma necessidade de organizar-se para planejar fugas individuais ou coletivas.

Em alguns estudos, relatam a mulher africana como ser política, que chefiava seus distritos, que lideravam exército, planejavam e organizavam a segurança do seu povo, já no cativeiro as mulheres escravas exerciam atividades

além dos afazeres domésticos, elas também se movimentavam em seus espaços sociais, isso como meio de negociação, exigindo seus direitos e construindo seu papel social.

Assim, quando se fala em liberdade não só do cativo como também de todo tipo de preconceito leva-se em conta os movimentos das mulheres escravas que tiveram função importante, eram elas que faziam circular as informações sobre fugas, lutas, e mediavam os encontros com outros negros, desempenhavam na vida comunitária dos escravos. A personagem Genoveva Pia é uma demonstração de militância, uma ponte entre negros livres e cativos.

A partir das experiências de vida da personagem negra doceira da cidade de São Luís do Maranhão fica visível que na vida real, muitas mulheres negras escravizadas tiveram participação intensa e efetiva na história e deve ser levada em conta na hora de escrever o processo de escravidão no Estado, pois o conhecimento das suas experiências, suas estratégias de sobrevivência e de mobilidade social, não apenas permite que a historiografia das mulheres seja vista por apenas um ângulo, e sim de forma mais ampla e, portanto mais próximo da realidade, como torna possível uma revisão crítica de todo relato cronológico.

Neste intuito, se tem por finalidade, investigar as formas de resistência da figura feminina e negra na obra de Josué Montello e na sociedade do século XIX. Além de demonstrar que as mulheres negras participavam da sociedade escravocrata tanto na condição de escrava quanto de liberta com suas particularidades e motivações individuais e coletivas, dada sua condição específica no quadro daquela sociedade.

A pesquisa utilizou-se dos seguintes métodos; enquanto a forma de abordagem foi utilizada à pesquisa qualitativa, que atua como instrumento de levantamento de informações que ofereça uma descrição pertinente do estudo levando em consideração os fatos relevantes no contexto histórico da obra de Josué Montello. Para identificação, compreensão e análises será utilizada a pesquisa bibliográfica e documental tendo como subsídios jornais, livros, artigos científicos, monografias, dissertações de mestrados e teses de doutorados para a fundamentação da temática abordada.

Fundamentada nas teorias dos autores como Montello (2005), Botelho (2009), Gilberto Freyre (2003-2004), Ana Maria Gonçalves (2017), Reginaldo Prandi (2005) e outros que subsidiarão teoricamente o desenvolvimento deste estudo.

Dando ênfase e direcionamento ao assunto proposto. Busca-se com esses teóricos elencar as principais ideias e dados para melhor compreensão e enriquecimento dos argumentos.

Esta análise literária está dividida em três capítulos, o primeiro é sobre a sociedade escravista maranhense do século XIX, procura-se entender o processo escravocrata deste século, a população negra oprimida e explorada pelos brancos, bem como a economia estabelecida e as relações comerciais de São Luís. Tratando também da condição mulher negra na sociedade escravocrata, esta que contribuiu de forma significativa na liberdade dos cativos.

No segundo capítulo se desenvolve uma breve biografia da vida do escritor Josué Montello, relatando sua trajetória de vida, desde a infância, os percalços da vida, as honras e glórias de um homem célebre, seus feitos na história da literatura do Brasil, sua entrada na Academia Brasileira de Letras. Elucidando traços importantes da narrativa e como a obra está estruturada, logo após segue o resumo do romance.

No terceiro capítulo tema definição e construção da mulher negra, Genoveva Pia, destacada com ênfase por se tratar de uma personagem primária, que se destaca como partidária da negritude, ex-escrava, vendedora de doces, ao longo do romance torna-se incentivadora e empenhada em extrair do contraste racial um argumento de luta e resistência silenciosa, com a prevalência da raça negra. Assim, ela também é guardiã da cultura, sendo vodunísi da casa das minas, preservando a cultura de seus ancestrais.

2 A SOCIEDADE ESCRAVISTA DO MARANHÃO NO SÉCULO XIX

2.1 A escravidão no Maranhão oitocentista

As diferenças de classes surgem quando o europeu se coloca em posição de superioridade em relação aos africanos, uma barreira impermeável para estabelecer relações igualitárias. Para Gilberto Freire (2004, p. 474) “As classes eram constituídas por dominadores ou por dominados: os senhores, num extremo, os escravos, no outro”. Além das distinções sociais por situação familiar, econômica, religiosa, racial e de poder.

A região maranhense desde a metade do século XIX vivia nos percalços da crise do sistema escravista, as modificações no cenário internacional e nacional abalaram as negociações do tráfico negreiro. Os países que já tinham abolido a escravidão pressionavam o Brasil para adotar a mesma medida o que deixava as províncias em situação de conflito e queda de produção como a do Maranhão que começou a ter dificuldades na exportação de algodão e arroz e de outros produtos da terra.

O Maranhão foi uma das províncias que mais traficou homens, mulheres e crianças africanas. Não se sabe a quantidade exata dos negros que chegaram nestas terras, o que muitos historiadores afirmam é que a Companhia do Comércio no período Pombalino intensificaram a entrada maciça de africanos. Segundo Carlos Lima (1981 apud Abrantes, Junior 2016, p.114) “Com a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, eles chegaram em quantidade considerável, por preços módicos e dilatados prazos”.

A maioria desses africanos vinham de Cacheu, Bissau, e Angola, desembarcavam em São Luís, O aumento a população negra deixava a sociedade branca temerosa com possíveis revoltas e rebeliões, situação comum em outras províncias, para evitar esses acontecimentos às repressões contras os cativos eram maiores e mais cruéis. Mesmo sobre forte vigilância vários movimentos ocorreram como a Balaiada, Setembrada e a Insurreição de Viana.

A guerra dos bem-te-vis, ou Balaiada como ficou caracterizada também, se iniciou no interior da província na região de Manga do Iguará, onde atualmente se localiza o município de Nina Rodrigues e se estendeu pela Vila de Itapecuru e Icatu, Caxias, chegando a Baía de São José próximo a capital provinciana. O movimento deu-se pelo descontentamento de negros cativos e livres, homens brancos pobres,

com as desigualdades sociais, a exploração, que o faziam viver sobre humilhações e repressões da elite política. Assunção afirma que:

A revolta que entrou na historiografia com o nome de Balaiada, foi, sem dúvida, uma das maiores insurreições populares ocorridas durante o Brasil - Império. Mobilizou pelo menos 12.000 homens contra o governo de duas províncias, controlou extensas faixas do território nacional durante os anos 1839-40 e requereu a intervenção maciça do governo central para ser finalmente subjugada. Apesar disto, não tem recebido muita atenção por parte da historiografia e tem sido frequentemente mal interpretada. (ASSUNÇÃO, 1998 apud BOTELHO, 2009, p. 98)

A presença de muitos escravos nessa revolta foi fundamental para começar a pressão contra o governo e a favor da abolição. A Balaiada se alastrou por quase todo o Maranhão até chegar ao Piauí, causando impacto na economia, já que eram os africanos que cuidavam da agricultura e muitos fazendeiros temiam ataques e tinham seus escravos fujões envolvidos no movimento. As formações de quilombos também se intensificaram, já que muitos cativos sentiam-se motivados e viam neste momento a oportunidade de organizarem suas fugas e se juntarem aos balaios.

Figuras importantes estiveram nesse cenário como o negro Cosme, que comandou cerca de três mil escravizados, foi derrotado, enforcado em praça pública na Vila de Itapecuru-Mirim, e seu exército massacrado pelas tropas oficiais. A morte desse líder e de tantos outros não puseram o fim na resistência escrava, outros movimentos eclodiram pela região maranhense, principalmente no segundo reinado, já que as relações entre o Brasil e Portugal não eram boas e a Inglaterra pressionava a ex-colônia para adotar de vez o fim da escravatura.

O que propiciava esses conflitos entre as classes baixa e alta, era o aumento considerável da população negra, escrava quanto à livre, que possuía quase o mesmo percentual de habitantes, isso no ano de 1822. Como demonstra a tabela de Antonio Bernardino.

Tabela 2– População da Província do Maranhão em 1822

População	Número de habitantes	Porcentagem
Livre	74.979	49%
Escrava	77.914	51%

Fonte: Antônio Bernardino P. do Lago, Itinerário da província do Maranhão apud Silva, 2013.

No final do século XIX a quantidade de brancos era inferior ao total de negros, que se estendiam demograficamente. Muitos escravos compravam a liberdade com recursos próprios, provindos do trabalho por conta própria que a muito custo lhes garantiam a carta de alforria. Havia também as associações que acumulavam recursos para o mesmo fim. Após a abolição parcial da escravidão, com a Lei do Ventre Livre em 1871 e logo após a Lei dos Sexagenários de 1885, que elevou a quantidade de negros livres, porém muitos senhores de escravos desobedeciam estas leis.

Já se aproximava em meados do século XIX o fim da abolição, as notícias de que algumas províncias tinham terminado com o tráfico e a exploração dos negros, fez com que as formações de quilombos aumentassem. Maiores eram os números de pessoas nas comunidades negras e estas se estabeleceram nas matas do rio Turiaçu, Viana, Alcântara, Itapecuru, Mearim, Maracassumé, nas matas de Codó. Cansados dos maltratos e da perversidade de senhores e feitores, faltava-lhes tudo, vestes, alimentação, remédios e etc., mais lhes sobravam torturas e açoites.

Eram precárias as condições de vida dos escravos, de extrema miséria e humilhação. A ilha maranhense e seus habitantes são detalhados com precisão na obra "O Mulato", deixando evidências de uma sociedade racista, injusta, intolerante a ascensão dos negros e de seus descendentes na sociedade. A inferiorização da raça negra é evidenciada no afastamento entre negros e brancos. De acordo com Aluísio de Azevedo:

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue. [...] Aquela simples palavra dava-lhe tudo o que ele até aí desejara e negava-lhe tudo ao mesmo tempo, aquela palavra maldita dissolvia as suas dúvidas, justificava o seu passado; mas retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família; aquela palavra dizia-lhe brutalmente: Aqui, desgraçado, nesta miserável terra em que nasceste só poderás amar uma negra da tua laia! Tua mãe, lembra-te bem, foi escrava! E tu também o foste! (AZEVEDO, 2002, p. 207)

A visão crítica de Aluísio Azevedo reforça o que os historiadores descrevem sobre a burguesia, a sociedade elitizada e política que compôs o cenário maranhense, sendo esta, intolerante, racista e indiferente situação de abandono dos negros. A inferiorização, as desigualdades que até hoje permeiam entre as classes

sociais surgiram quando se pôs de um lado o negro marginalizado, tratado como animal servil, banido do meio político, ignorado pelas leis, e de outro lado o branco, aceito por todos, abastado de tudo e visto como senhor daqueles que não correspondia aos critérios elitistas.

2.2 A economia maranhense

A sociedade maranhense do século XIX, também se compõe a partir do cenário comercial com o tráfico e a exploração do negro, a agricultura, manufatura, comércio e latifundiários. A riqueza se concentrava nas mãos desta minoria, a base ou pirâmide social era constituída de acordo com os critérios de raça/cor, origem e concentrações de riquezas. Os casarões no centro histórico da capital e nas fazendas do interior do distrito revelam a extensão do poder aquisitivo e prestígio social.

As aberturas dos portos deram novos rumos à economia maranhense, os ingleses pagavam menos impostos e o forneciam matéria prima, produtos industrializados e especiarias modernas que faziam parte da moda européia. Os britânicos se interessaram pelo algodão para as fabricações têxteis, importando-os para seu país. Fato descrito por Santos (1983 apud Botelho, 2009) “O domínio da Inglaterra no transporte marítimo dos produtos maranhense tornou-se um fato inevitável”. Os franceses e portugueses também disputavam espaços no comércio desta região.

No entanto, a principal fonte de riqueza para o Maranhão provinha do tráfico e da exploração africana. O processo de escravidão foi fundamental para a construção da província e de sua economia. As grandes quantidades de negros que desembarcavam dos navios negreiros partiam para as fazendas de algodão, cana-de-açúcar, arroz e outros grãos. São Luís, sendo uma capital portuária e centro comercial tinha um mercado de escravos mais amplo e mais estoques de mercadorias agropecuárias do que o restante da região, pois recebia produtos que vinham das fazendas do interior regional. Contudo fazia a exportação de mercadorias e de negros traficados para outras províncias.

Algumas cidades tinham papel importante nas relações econômicas da província, como algumas vilas foram se estabelecendo próximas as zonas fluviais

serviam como centros comerciais. As mercadorias eram transportadas de São Luís para outras localidades por meio das embarcações que saíam da ilha e seguiam pelo rio Itapecuru até chegarem a seus destinos. Destaque também para as regiões do Alto sertão, que atualmente denomina-se a cidade de Pastos Bons, região de campos férteis e criação de gado. Conforme na citação abaixo:

A cidade de Caxias revestia-se de grande importância, pois além de ser o principal centro de população do interior da Província, destacava-se pela atividade agrícola e pastoril. E principalmente pela sua posição geográfica, “a cabeça da linha fluvial do Itapecuru e a chave dos sertões do Parnaíba, do Alto Itapecuru e mais, indiretamente, do Tocantins, tornaram-na, depois de São Luís, a mais próspera, a mais rica cidade do Estado. (LOPES, 1970 apud SANTOS, B, 2011, p. 02)

Os centros comerciais de São Luís do Maranhão eram lugares de negros de ganhos e forros que sobreviviam com seus trabalhos braçais e as mulheres negras com as vendas de suas mercadorias, doceiras, com seus tabuleiros, lugares também de brancos em busca de negros para explorá-los. Segundo Azevedo (2002, p.8) “A Praia Grande e a Rua da Estrela contrastavam, todavia com o resto da cidade, porque era aquela hora justamente a de maior movimento comercial. [...] cruzavam-se os negros no carroto e os caixeiros que estavam em serviço na rua”.

As ruas eram movimentadas cotidianamente, pois serviam também como ponto de vendas, trocas e negociações diversas dentre elas a Rua Grande, Rua da Palma, Rua do Giz, Rua da Estrela e outras localizadas onde atualmente é o Centro Histórico da capital. Nas ruas e pelos sobrados circulavam também avisos de venda e compra de negros e outros produtos. A imprensa também era fonte de lucros, já que eram nos jornais que saíam as notícias de fuga de escravos e notas de recompensas para quem os encontrassem e devolvessem a seus donos além de outros negócios relativos a escravos.

Segundo o Jornal O Púublicador Maranhense citado por Botelho:

Fugiu desta cidade no dia 3 do corrente um escravo de nome- Eugenio crioulo- levou calça branca, e camisa azul, e mais outra calça de ganga azul- tem 20 anos de idade, pouco mais ou menos é de cor preta, corpulento, espadaúdo, caluça grande, achatada dos lados e comprida- falta-lhe um dente na frente, no queixo superior- rosto descarnado, com marcas de bexigas quase imperceptíveis- não tem barba, pés grandes, e sobre o peito d'um delles um marca de queimadura bem visível- d quem o capturar e o entregar nesta cidade a seu senhor- rua da Palma nº 32, receberá 25\$000 réis de gratificação além das despesas. Maranhão 8 de janeiro de 1852- Joaquim José de Miranda. (JORNAL O PÚBLICADOR MARANHENSE Apud BOTELHO, 2009, p. 145)

As notas que saíam nos jornais eram pagas, por isso a descrição detalhada nos impressos, gerando despesas para os senhores de escravos e uma das fontes de renda para os jornalistas. Também serviam como meios políticos e divulgações diversas

Na segunda metade do século XIX algumas indústrias se instalaram no Maranhão, como a produção de subsistência sertaneja ligada a Companhia, já estava bastante comprometida, houve dificuldades para a implantação das fábricas. Assim, a capital foi uma das primeiras cidades as desenvolverem essa atividade. As primeiras instalações foram às fábricas têxteis, depois vieram os armazéns e lojas diversas, já que os navios de importações estrangeiras ancoravam no porto. Algumas dessas atividades, as quantidades de estabelecimentos e os anos de instalações são destacados por Jerônimo Viveiros em 1954.

Tabela 01 – Atividades comerciais

	1850	1860	1870	1890
Armazéns em geral	48	58	79	54
Armazéns de ferragens	6	6	6	6
Escritórios	—	4	2	5
Lojas de modas	37	39	32	24
Farmácias	51	33	44	31
Livrarias	12	7	6	7
Quitandas	3	5	4	4
Barracas	185	151	189	140
Botequins	29	34	23	12
Refinarias de açúcar	3	4	4	5
Padarias	7	9	14	12
Açougues	43	20	28	30
Ourivesarias	13	10	13	8
Agências de leilões	—	4	2	3
Fábricas de pilar arroz	6	5	4	4
Fábricas de sabão	0	3	3	3
Fábricas charutos	2	4	8	2
Fábricas de chocolate	0	4	3	1

Fabricas de licores	0	3	3	1
---------------------	---	---	---	---

Fonte: Almanaque do Maranhão – 1849-1880 apud Viveiros 1954

Essas atividades comerciais tornavam a capital São Luís, mais urbanizada do que as demais regiões, isso porque os ricos que em sua maioria eram europeus ou descendentes destes, faziam a projeção de torná-la parecida com as cidades da Europa. As famílias da elite preferiam as mercadorias exportadas ou que fossem fabricados com materiais estrangeiros. Enquanto o restante da província era visto como campesino, sem requinte de luxo, usufruíam de produtos de baixa qualidade. Essas transações comerciais contribuíram para que o Maranhão se desenvolvesse economicamente mesmo que a passos lentos em relação a outras localidades brasileiras.

2.3 A condição da mulher negra e escrava na sociedade maranhense

Ao logo do tempo muitos estudos vêm sendo abordados sobre a escravidão no Brasil e de forma mais específica no Maranhão, estas pesquisas abordam o negro no trabalho forçado, mais há também espaço para outras discussões, uma delas é sobre as mulheres escravizadas, no intuito de recuperar de forma gradativa as memórias, daquelas que por muito tempo ficaram na invisibilidade histórica. Para Giacomini:

[...] o estudo do papel da mulher e das condições de vida da mulher escrava parece fundamental para 1º) Reelaborar a história da escravidão brasileira; 2º) Compreender algumas das raízes históricas da situação atual da mulher negra no Brasil, em particular da mulher negra e trabalhadora. (GIACOMINI 2013 apud SOUSA 2017, p. 32)

As reflexões de todo processo escravista e as relações de gênero e raça levam a uma série de questionamentos sobre esses sujeitos históricos, traçando um panorama entre seus estados psíquicos e físicos e permite observá-los a partir de suas lógicas de sobreviver ao regime escravocrata e nesse contexto estão às revoltas, fugas, a aculturação, a preservação dos costumes africanos, da religião, suicídios, assassinatos e outras ações que eram formas dos escravizados se colocarem de modo ativo em relação aos seus senhores.

No entanto, faz-se necessário analisar a escravidão no contexto historiográfico e de seu funcionamento dentro do sistema social e cultural, entender as relações entre os senhores e escravizados, a sociedade machista da época, os

conceitos acerca do gênero. Percebe-se que as relações de gênero, inúmeras vezes colocam sempre as mulheres numa submissão ao homem. O machismo institui na figura do homem uma autoridade máxima dentro da família, essa relação entre gêneros dificulta a ação das mulheres, principalmente das negras que não exerciam com mais intensidade seu papel na sociedade oitocentista. Laura Moutinho afirma que:

Às mulheres cabe, nesse modelo, atuar no espaço doméstico e zelar, através de uma conduta moral e sexual retilíneas e da educação das crianças, pela honra da família. Aos homens, no “patriarcalismo poligâmico”, é concedida a autoridade máxima como pai e marido. O pater familias não vivia com a esposa “branca” a satisfação do desejo sexual e sim com a amante “negra”. O casamento, aliás, não é o espaço para a vivência do erotismo: nem para o homem, nem para a mulher. (MOUTINHO, 2004, p. 67)

As formas de dominação e os preconceitos que as mulheres da atualidade enfrentam cotidianamente estão diretamente relacionados com as relações sociais dos gêneros ocorridas no passado, e na organização da sociedade brasileira no século XIX. Isso implica de forma considerável nas recorrências de desvalorização da mulher na sociedade contemporânea de relações de poder do sexo masculino sobre o feminino e das desigualdades no âmbito do trabalho, na política partidária e em outros meios.

Todo esse processo de dominação e atuação feminista no período colonial, especificamente no século referido anteriormente, remete a um estudo a partir da aparência do comportamento e da visão social da época em que a mulher era considerada frágil, inferior ao homem na força física e nos direitos civis. Esse momento deve ser compreendido como uma complexa representação da corporeidade do gênero feminino e da raça negra, na construção dos valores. O perfil construído para a feminilidade agrega à variável espaço, sobretudo o doméstico para focalizar a mulher negra e apreendê-la nessas representações em construção.

Eram comuns os anúncios de vendas e compras de escravizadas nos jornais maranhenses, destacadas como boas serviçais, cozinheiras e engomadeiras, selecionadas pelo critério da cor da pele (negras claras ou crioulas), a idade, o estilo vestuário e atributos comportamentais. Contudo não lhes competiam apenas às tarefas domésticas como serviço exclusivo para elas, mas afazeres que exigiam força muscular, concentração, agilidade, considerados trabalhos masculinos. Como destaca Miriam Moreira Leite:

[...] a mulher negra está presente em praticamente todos os tipos de trabalhos descritos pelos viajantes: na mineração, na agricultura, no trabalho doméstico, na manufatura e no comércio. Isso demonstra o seu grau de importância enquanto trabalhadora, desde o período colonial. Ela foi a primeira e, por muito tempo, a única trabalhadora (LEITE, 1984apud RATTS, 2015)

O patriarcalismo, existente até hoje em nossa sociedade, marca a submissão da mulher perante a imagem masculina. Durante a escravidão a autoridade máxima provinha do homem branco e proprietário, estes se consideravam dono da mulher e as leis os favoreciam, mesmo quando elas sofriam agressões físicas. Neste contexto de resistência negra e feminina, o silêncio é mantido diversas vezes com o intuito de se resguardar da fúria do seu senhor para que a mesma traçasse suas lutas silentes contra a exploração.

Numa perspectiva de oposição as explorações servis, muitos africanos, viam as revoltas como uma maneira de contestar o poder e a violência dos escravistas, por isso agiam de acordo com suas lógicas, tornando todo tipo de resistência numa forma de produzir liberdade e em suas experiências adquiriam o que desejavam. Tanto na casa grande quanto nas senzalas as mulheres reagiam, quando estas temiam o castigo impiedoso, organizavam-se, arquitetavam e contribuía com as novas táticas de fuga e de sobrevivência, e essas lógicas revelam-se nas particularidades de inúmeros atos históricos.

A “formalização” dos movimentos feministas e negros, atual é resultado dos grupos organizados em tempos remotos que elucidaram as lutas das mulheres, de suas articulações contra o sistema escravocrata, das revoltas e suas estratégias de sobrevivência. Partindo do pressuposto da dominação e influência eurocêntrica, observa-se que a condição das mulheres negras não era diferente a das mulheres brancas, mediante as influências de raça, gênero consideradas inferiores, além da condição econômica servil, destacada por Werneck:

As mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. ((WERNECK, 2008 apud TOKITA, 2013).

Havia uma distinção entre as escravas que sobreviviam nas senzalas e na casa grande, as escravas da casa grande deveriam ser mansas, prendadas, que estimulassem a confiança de seus donos, elas que conviviam melhor, porém não desistiam de ter a liberdade, conviver cordialmente era uma tática de conseguir ser

livre sem enfrentar o branco de forma direta. De acordo com Reis (1998 apud SANTOS, 2007) “Se os barões cedem e concedem, é para melhor controlar. Onde os escravos pedem e aceitam, é para melhor viver, algo mais que o mero sobreviver”.

Já as negras que viviam nas senzalas eram vistas como selvagens que ainda não tinham aprendido comportamentos europeus, serviam apenas para os trabalhos braçais. Nos livros de história do Brasil é comum ver gravuras de negras da casa grande como as mucamas, amas de leite, cozinheiras, etc., enquanto as outras cuidavam da lavoura como os homens, dos trabalhos manuais e cuidados que a propriedade exigia. Essas separações de trabalho entre as escravas eram feitas mediante seus comportamentos pacíficos e de suas habilidades nas tarefas domésticas, quando castigadas muitas voltavam para as senzalas.

A violência sexual contra as escravas era rotineira, os senhores se sentiam no direito de possuí-las sexualmente, e com isso, práticas de infanticídios eram cometidas pelas escravas, como uma forma de resistir e não permitir que seus filhos fossem escravos. Segundo Gonçalves (2017, p 173.) “Muitas mulheres que, ao se saberem pejudadas¹ e conscientes de que a única vida que poderiam dar aos filhos era a que elas tinham, na escravidão, preferiam que não nascessem”.

Por outro lado, várias cativas mantinham de forma consensual as relações sexuais com seus senhores, levantando esta afirmação a questão de subsistir e não serem punidas violentamente, podendo utilizar sua sexualidade para conseguirem alguns privilégios por parte dos seus senhores, essas táticas eram adotadas principalmente pelas jovens negras a fim de terem a desejada liberdade.

Gilberto Freire em *Casa-Grande & Senzala*, enfatiza a formação da sociedade brasileira pela miscigenação, além do patriarcalismo, que fazia do senhor, proprietário de terras e dono de tudo que havia no limite destas, incluindo os animais, objetos e pessoas, sendo elas de sua família ou não. O escritor menciona a sexualidade das escravas com os brancos, o servilismo feminino, as inúmeras violências praticadas pelas sinhás ciumentas de seus maridos adúlteros.

Em vários relatos históricos são visíveis as atitudes e as motivações de lutas e convívio no cativeiro, levando em conta a necessidade de compreender os sentimentos dos africanos em cativeiro e suas relações com os senhores, por um

¹ Termo de origem africana refere-se à mulher grávida

lado, o negro escravo tido como acomodado, passivo, que interagiu cordialmente com o mundo do branco; de outro, o negro rebelde que não aceitava a condição de escravo e, por isso, refugiava-se em quilombos, negando assim, o sistema escravista.

Assim, ao subsistir o sistema opressor e explorador, as mulheres cativas, almejavam ser livres, obter o direito de decidir e fazer suas vontades, de serem donas de seus corpos e de suas sexualidades. Desejavam serem respeitadas na sociedade da mesma forma que as mulheres brancas e garantirem o direito de ir e vim sem sofrerem hostilizações, de formarem família ou preservar as que tinham mesmo na senzala e etc. São extensos os anseios das mulheres negras no plano de liberdade, todavia esses anseios foram conquistados ao longo dos séculos.

Do mesmo modo Um Defeito de cor, narra à memória de uma escrava e de sua trajetória, trazida da África ainda criança para a Bahia, que viveu sob o efeito da escravatura, com episódios de violências, abusos sexuais, maltratos. No entanto lutava diariamente contra o destino fatídico que a vida lhe reservou. O romance é narrado a partir de fatos reais, e assim, deixa evidente que como a personagem, outras mulheres sofreram e se mantiveram resistentes a esse processo. Diante dessa necessidade de reagir ao cativo, à mulher escrava se insere no universo de valorização trabalhista, existencial, de ter e viver a experiência militante, transformadora, reconstituindo assim, sua identidade de gênero.

As escravas exerciam papéis fundamentais nas fugas e insurreições. Para elas cabiam acolher e refugiar os escravos rebeldes, tornavam-se também meio de comunicação entre grupos de homens revoltosos, nas ruas obtinham informações que contribuíssem de alguma forma para tais rebeliões. A escritora Ana Maria Gonçalves destaca precisamente a participação da negra Kehinde nas revoltas da Bahia, a personagem da autora é ao mesmo tempo uma caricatura prosaica de Luiza Mahin, mãe do poeta Luís Gama, abolicionista teve participação na revolta do Malês.

Quando se fala de lutas e conquistas é necessário evidenciar a mulher como uma presença marcante, que resiste até hoje a escravidão, ao racismo, a opressão e a exploração. A história que está marcada pela violência contra negros e, sobretudo das mulheres ainda requer estudos, pois existem fatos a serem registrados, que até então não foram explorados em suas totalidades.

3 OS TAMBORES DE SÃO LUÍS: uma análise literária

3.1 Josué Montello: uma breve biografia

Josué de Souza Montello nasceu às 04 horas 30 minutos da manhã do dia 21 de agosto de 1917, numa casa na Rua dos Afogados com o Pespontão, na cidade de São Luís do Maranhão (MA), filho do comerciante de sapatos Antonio Bernardo Montello e de Mância de Souza Montello, estes com descendências de italianos e de portugueses.

De uma família numerosa, com oito irmãos, sendo o quinto filho, criado a partir dos valores da igreja presbiteriana, na qual seu pai era diácono e almejava para o filho a vida de pastor. Segundo a descrição de Viriato Correa (1955) “Um menino pacífico bem comportado, mais silencioso do que falador, mais dado a contemplação do que à estrepolias próprias das crianças.”

Iniciou seus estudos na escola Modelo Benedito Leite, onde fez o curso primário e no Liceu Maranhense, onde concluiu o curso secundário, destacando-se como primeiro aluno de sua turma. O jovem Josué dirigiu o jornal juvenil “A Mocidade”, ainda no Liceu Maranhense publicou seus primeiros trabalhos literários. Nas folgas ajudava o pai na loja de sapatos e aproveitava a calma do expediente para se dedicar as leituras.

Estudioso e dedicado a literatura integrou a Sociedade Literária Cenáculo Graça Aranha, continuou a colaborar nos principais jornais maranhenses, dentre eles; A Tribuna, Folha do Povo e O Imparcial. Já em 1936 mudou-se para Belém do Pará, com a colaboração de Nélio Reis lança seu livro de estréia. Ainda na capital paraense, colaborou em vários jornais e revistas, sobretudo O Estado do Pará.

O Benjamin da ABL, como destaca professor e escritor José Neres, absorveu de grandes nomes da literatura a engenhosidade da arte, a não se prender a uma escola literária, mas viver em transição nas mesmas. Na prosa recebeu influências de Machado de Assis na estrutura da narrativa, nos desfechos enigmáticos por vezes trágicos e audaciosos. Além de prosadores estrangeiros como Dostoiévski, Tolstoi, Eça de Queiroz dentre outros que favoreceram a incorporação de técnicas modernas às do romance tradicional. Como afirma o professor e escritor José Neres sobre o autor de Os tambores de São Luís:

Escritor de várias vertentes, o autor de Os Tambores de São Luís é nacional e internacionalmente conhecido por seus romances e por novelas. O experiente intelectual, porém, jamais ficou limitado a uma ou outra categoria

literária, demonstrando sua erudição humanística também em historiografia literária, crítica, peças teatrais, textos infanto-juvenis, diários, anedotários e crônicas. (NERES. 2008, p. 81)

Mudou-se para o Rio de Janeiro no ano de 1937, já estabelecido na nova cidade fundou um grupo intelectual, Dom Casmurro. Atuando em vários jornais, desempenhando-se em seus trabalhos, foi nomeado Inspetor Federal do Ensino Comercial. Seu primeiro romance, Janelas fechadas, foi publicado em 1941. Lecionou no curso de Organização de Bibliotecas, do Departamento Administrativo do Serviço Público. No ano seguinte, a convite do Dr. Rodolfo Garcia, tornou-se diretor geral da Biblioteca Nacional.

Mesmo morando na cidade carioca não deixou de contribuir e acumular cargos de confiança no estado em que nasceu. Ao tempo da interventoria Saturnino Belo, exerceu o cargo de secretário-geral do Maranhão. E no ano seguinte, no Rio de Janeiro foi nomeado diretor do Serviço Nacional do Teatro, Montello também possuía grande paixão pelo teatro, escreveu várias peças, pelo qual conquista alguns prêmios.

Josué foi um homem além das fronteiras do seu país, a convite do Itamaraty, trabalhou em Lima, no Peru em 1953, onde inaugurou e regeu por dois anos a cátedra de estudos brasileiros da Universidade Nacional Mayor de San Marcos, recebeu o título de seu Catedrático Honorário. Depois exerceu a mesma função na Universidade de Lisboa no ano 1957, logo após Madri. Sendo novamente convidado para ministrar um curso sobre literatura brasileira na Cátedra Ramiro de Maeztu pelo Instituto de Cultura Hispânica.

A amizade entre o jovem escritor e o imortal Viriato foi de suma importância para candidatura e vitória da vaga que tornaria Montello membro da casa dos imortais. Com o apoio e campanha interna na Academia Brasileira de Letras, esta o reconheceu como escritor célebre e autêntico, dotado de grande inteligência, elegendo-o para a Cadeira de número vinte e nove em quatro de novembro de 1954, na sucessão de Cláudio de Sousa, foi recebido em quatro de junho de mil novecentos e cinquenta e cinco, pelo acadêmico e estimado amigo Viriato Correia, que destacou:

Um dos pontos impressionante de vossa entrada nesta Casa é a verde idade que trazeis. A academia é um solar de gente velha e vós aqui estais entrando com a fresca primavera dos vossos 37 anos. – É moço demais! Exclamou-se, lá fora, quando vos elegemos. Todo mundo estranhou que chamássemos aqui para dentro uma criatura que nem ao menos havia

transporto as fronteiras da madureza, período em que, ao que se diz, os intelectuais atingem a plenitude da personalidade. (VIRIATO, 1955)

Houve grande repercussão da conquista do romancista, principalmente em sua terra natal, os jornais como O globo, O Imparcial, Jornal do Dia, dentre outros publicaram notas parabenizando-o. Muitos escritores felicitaram-no pela merecida vitória, o próprio Viriato Correa, orgulhou-se de ter um conterrâneo seu na casa centenária. De acordo com Neres (2008, p.51) “Muitos outros intelectuais foram ouvidos pelo jornal e todos demonstraram contentamento em saber que outro maranhense ingressava na ABL”.

São inúmeros os cargos de confiança que foram ocupados por Montello durante toda a sua vida, como conselheiro federal de cultura do Brasil em Paris, organizador do museu histórico e artístico do Maranhão, onde empreendeu a reforma e instalação da nova Reitoria e embaixador do Brasil junto à UNESCO. De janeiro de 1994 a dezembro de 1995, ocupou a presidência da centenária Casa de Machado de Assis. Montello foi um dos escritores que mais obteve destaque e prestígio mais que ainda é desconhecido por muitos maranhenses.

Porém a morte já se aproximava para um dos maiores escritores do século XX, na segunda semana de agosto de dois mil e quatro, o octogenário é internado na Clínica São José, em Botafogo, devido a sérios problemas cardíacos. Ao decorrer do tempo o coração do escritor começou a perder o ritmo nos batimentos que lhe permitia viver, vindo a óbito dois anos após a primeira internação, no dia dezesseis de março de dois mil e seis, às vinte horas e trinta minutos, por insuficiência cardíaca.

Em uma entrevista quando perguntado sobre a visão que o mesmo tinha sobre a morte, ele respondera. “Absolutamente tranquila. Primeiro a sensação de que fiz aquilo para que nasci... Eu fui tudo aquilo que eu quis ser”, (Neres, 2008, p. 70). Foi com imensa tristeza que todos receberam a notícia do falecimento do decanato da ABL, aos oitenta e seis anos A literatura perdeu um prosador engenhoso, jornalista, professor, romancista, cronista, ensaísta, historiador, orador, teatrólogo e memorialista, Josué de Sousa Montello, autor de cento e sessenta títulos.

3.2 Estrutura da obra

A obra *Os Tambores de São Luís* é um dos livros mais conhecido em meio à vasta produção literária de Josué Montello, com sessenta e oito capítulos curtos, em que não se define em apenas uma escola literária, pois o romance tem características particulares de alguns períodos literários e aborda temas da sua terra, o Maranhão, particularmente fazendo menções à cidade de São Luís. Traduzido em outros idiomas que percorre o mundo. Para Sousa:

Na seqüência dos meus romances São Luís é mais que uma cidade, é também um personagem. O ambiente de São Luís, a maneira de ser, de viver aqui, evidentemente eu procurei de preferência, por impulso natural, fixar São Luís do meu tempo que já se transformou. Antes da São Luís do meu tempo, havia outra São Luís, a São Luís anterior, a São Luís pregressa. Em São Luís pregressa tem também uma grande importância, e eu consegui recompor a atmosfera da São Luís anterior à minha, sobretudo nos “Os Tambores de São Luís” e também em “Noite de Alcântara”. (SOUSA, 1998, apud MARANHÃO, 2009, p. 153)

Esta narrativa Montelliana focaliza o negro no seu contexto histórico, social, cultural, econômico ao mesmo tempo em que reflete problemas como o preconceito racial, violência, injustiças contra pessoas negras na sociedade local. A saga do homem de cor no Maranhão não deixa de apontar um grito de denuncia contra as amarras do sofrimento às quais o povo africano e afrodescendentes estiveram condicionados, ao longo do tempo, desde sua chegada ao Brasil nos navios tumbeiros, passando pelo sistema escravocrata até os dias atuais, com a liberdade.

Vários foram os motivos que levaram o prosador a escrever sobre os negros de seu Estado, além de resgatar a historiografia, transformar a memória da vida dos africanos em um romance, cujo foco fosse às lutas, as conquistas, a cultura, religião e outros, assim destacou o Montello (2005, p. 659) “[...] O que primeiro me aflorou á consciência, inspirando-lhe a germinação misteriosa, foi o ruído dos tambores da Casa das Minas, que ouvi em São Luís, na minha infância e juventude”.

O título da obra analisada faz referência aos instrumentos musicais “tambores” das religiões negras de outrora e que ainda se mantém vivas até os dias atuais, que usualmente orquestram e embalam os cânticos e rituais, de luta, resistência e de protestos de milhares de negros brasileiros. Esses tambores não são instrumentos simplórios ou comuns, mais objetos tradicionais que compõe a

cultura maranhense, envolvidos de ashé (força), magia, encanto e reivindicação por dias melhores e de maior igualdade entre as raças.

São muitos os personagens presentes na obra, dentre eles se destacam os proprietários de terras, senhores de escravos comerciantes, prostitutas, jornalistas, médicos, advogados, padres, bispos, seminaristas. Dentre as figuras fictícias há também as reais como alguns dos jornalistas, mulheres riquíssimas, presidentes da província, algumas mãe de santos. De acordo com Gerson Lindoso (2009, p. 156) “Na verdade, os personagens acabam se invertendo, onde muitos deles são tirados da vida real e se tornam verossímeis como se fossem ‘inventados’, e os fictícios acabam transparecendo tamanha dimensão real”.

Numa descrição breve têm-se os personagens principais; Damião o protagonista, ex-escravo do fazendeiro Dr. Lustrosa, homem inteligente e corajoso, tornou-se professor de latim e viveu lutando pela libertação dos escravos. Donana Jansen, conhecida em todo o Maranhão por ser rica, dona de muitos casarões na cidade de São Luís e por suas maldades contra os negros; Policarpo (Tracajá), padre, mulato amigo e tutor de Damião, ele que acolheu o rapaz quando este chegou ao seminário; Genoveva Pia, doceira e vodúnsi da Casa das Minas, amiga do personagem principal, o Barão também escravo que ensinou o filho de Julião a ler e escrever quando viviam no quilombo.

Além de dona Santinha, vodúnsi da Casa das Minas e amiga da doceira, essa mulher ajuda o professor de latim quando este se encontra em situações difíceis; Doutor Celso de Magalhães, advogado renomado e muito conhecido na cidade de São Luís; Dona Calu, avó de Aparecida, muito conhecida por ser mãe de santo; Benigna a paixão juvenil de Damião, considerada a mais bela negra de todo o Maranhão; Ana Rosa, baronesa de Grajaú, foi a júri por assassinar duas crianças negras. Além de nomes conhecidos em meio à literatura como o poeta Sousândrade, Soterro dos Reis, Gonçalves dias que estão presentes no contexto da obra.

O espaço da narrativa se caracteriza de forma minuciosa pelas ruas, becos, praças, largos, avenidas, bairros e praias da cidade de São Luís, além dos casarões, baluartes, fortes, igrejas, que tornam a cidade viva. O tempo cronológico é datado entre o século XIX e XX. Já o tempo psicológico é marcado pelas memórias do negro Damião. O professor José Neres descreve o talento literário de Josué:

Poucos são os escritores brasileiros que demonstraram tanto domínio da técnica da narrativa longa quanto Josué Montello. Em seus livros, é possível visualizar as cenas descritas e também fazer um passeio literário pelas ruas e becos de uma de sua musa mais recorrente: a cidade de São Luís [...] como um escritor de talento é capaz de transformar o espaço narrativo em cúmplice da própria história que está sendo contada. (NERES, 2017, p. 02)

Identifica-se na caminhada de Damião, elementos significativos que tecem a biografia de uma raça, temáticas sociais que permitem reconstruir as relações entre negros e senhores, pessoas escravas e livres, recompondo todo o conjunto de ações que ocorreu na região que ele viveu, marcada por acontecimentos de cunho histórico e político como abolição, a queda da monarquia, a instalação da república, lutas raciais. O romancista sintetiza na figura de seus personagens a realidade dos séculos, detalhando minuciosamente os aspectos da personalidade humana.

Na prosa, Montello produz a saga do negro entrelaçada a histórias dos demais personagens da obra num viés entre a força do opressor e do oprimido. Recompõe várias faces do processo escravista e destaca isso com precisão, nas estrelinhas estão às diferenças entre a raça branca e negra estabelecidas pela sociedade da época. Fundamentado em documentos e subsídios verídicos, foi necessário a ajuda de amigos do escritor para recompor o cenário escravista dos séculos passados.

3.3 Enredo

O romance relata a dinastia de negros, durante três séculos, representada pelo personagem principal, Damião. Em uma noite de mil novecentos e quinze, o octogenário não conseguindo um carro sai caminhando de sua casa no Largo do Santiago para a Gamboa, no intuito de conhecer o trineto que está prestes a nascer. Durante o percurso ouve os sons dos tambores da casa das minas, tão comuns e fortes, o que lhe proporciona uma sensação de nostalgia e reintegração com a África.

Damião entra em um bar para comprar fósforo e se depara com a cena de assassinatos, de um homem negro, bem vestido e do dono do bar, o que desencadeia nele com um devaneio a memória da saga do negro no Brasil, desde o tráfico em África. É conduzido pelas lembranças da fazenda em que nascera no

município de Turiaçu, que fica ao norte do Estado maranhense. Filho de escravos, também viveu parte de sua vida sobre o regimento escravocrata, sendo castigado brutalmente diversas vezes pelo seu senhor, Dr. Lustrosa.

Ainda criança vive num quilombo com seu pai Julião, sua mãe Inácia e a irmã Leocádia e outros escravos fugitivos, depois de capturados retornam ao seu dono, perdendo o pai em confronto com os capitães do mato. O regresso a fazenda torna a vida do jovem escravo e de seus parentes um martírio, porém inconformado com a sua condição inferior aos brancos ele continua resistindo a toda forma de exploração, ver no clero a chance de ser livre. Com a morte inesperada de seu dono enquanto este o castigava cruelmente, o escravo tem a oportunidade de ir para o seminário no Paço Episcopal, na cidade de São Luís.

No entanto, não é bem aceito pela maioria dos sacerdotes sendo rejeitado por eles, por ser negro, mais contava com o carinho e ajuda do padre Policarpo, logo mais recebe a função de ajudante eclesiástico. Damião um jovem de deztoitos anos começou a dedica-se aos estudos, em pouco tempo era conhecedor de clássicos da literatura, falava latim fluentemente e tinha capacidade invejável de decorar páginas de livros e textos inteiros.

Incumbido de comprar rapaduras para o seu protetor se depara com a doceira Genoveva Pia, que viera no mesmo navio com seu pai, em meados de 1832. E a tornou-se amiga do rapaz e o convidou para conhecer a Casa das Minas, favorecendo o reencontro dele com a cultura africana, despertando-lhe a consciência política e social e o desejo de lutar pela liberdade dos irmãos de cor. Em um dos passeios pelas ruas de São Luís conheceu o grande amor da sua vida, a mais bela e cobiçada negra, Benigna, um amor que não foi concretizado em sua juventude.

Por causa do racismo é impedido de se ordenar padre, sofre pelas injustiças sociais. O ex-escravo vive as vicissitudes da vida dos negros em aparente contradição com seu status de intelectual, pois, tornou-se professor de latim no clima de arrogância racial, brutalidade e hipocrisia de São Luís da época. Pois Damião era um homem culto, de inteligência rara, gostava de ler, conhecia os clássicos das diversas literaturas. Lecionou no Liceu Maranhense, conquistou a confiança e admiração de muitos, assim como ódio e o desejo de vingança de outros.

Alguns anos depois da morte do amigo padre, casou-se com Aparecida, filha do sacerdote, concebida na juventude deste seu amigo. Junto com ela, tiveram

dois filhos. A vida dera ao negro e ex-escravo muitas oportunidades, mesmo em uma sociedade preconceituosa e injusta, como professor tinha dignidade e vestia-se como branco, frequentava lugares ricos, que outros cativos jamais conheceram. Com a morte violenta de sua grande amiga Genoveva Pia o professor se revolta com o regime escravista e com a sociedade mesquinha, escreve no quadro da sala de aula um texto a favor dos negros, isso causa a perda do seu emprego.

Algum tempo depois ocorre o falecimento da esposa, Damião entra em decadência econômica e numa depressão. Há uma crise econômica na cidade de São Luís, o protagonista então não consegue trabalho, vicia-se em bebidas alcoólicas e passar a viver com os negros de ganho. Neste ínterim encontra uma nova amiga, dona Santinha a que o apoiou e o motivou novamente, defendendo os negros, leva a julgamento a Baronesa de Grajaú por ter assassinado duas crianças cativas.

A frente dos movimentos de luta por igualdade durante anos, consegue se tornar símbolo de resistência e socorro aos negros escravizados, muitos eram os representantes do governo e do episcopal que desejavam conhecer o professor Damião. Com a Lei dos Sexagenários, se junta com os demais abolicionistas e continuam a intensificar os movimentos. E durante a marcha da abolição e aos gritos a favor da monarquia morre a dona Santinha, ele reencontra o grande amor da sua vida, a Benigna, e juntos vivem o amor da juventude.

Os anos se passam e Damião já é um homem idoso, vive bem, senti que a vida lhe deu o suficiente, e nesta noite de mil novecentos e quinze o octogenário traz em sua memória as lembranças de sua vida cheia de percalços e conquistas. A caminhada resgata o passado, desperta vários sentimentos e envolve-o na saudade das pessoas queridas pelo negro. Assim como as ruas de São Luís guardam histórias e são cenários de anos de lutas e sofrimentos dos escravizados. Ao chegar à casa da neta o bebê já tinha nascido.

Ao ver o menino no berço, seu trineto, lembra-se das palavras do Barão, seu velho amigo, que defendia a teoria da miscigenação, que somente assim se resolveria o conflito natural de brancos e negros, no Brasil. Depois de receber a notícia fatídica de que o negro que estava morto no bar teria vindo da Inglaterra para encontrar o pai, o que levou Damião a lembrar do filho Balbino, desaparecido há muito anos, o idoso chocado com o que ouviu pedi um copo de água a sua esposa e assim finaliza o romance montelliano.

4 A RESITÊNCIA SILÊNCIOSA DA PERSONAGEM GENOVEVA PIA

4.1 Caracterização e definição da personagem

Nas entre linhas do romance, Genoveva Pia é destacada como uma mulher negra, franzina, de estatura baixa, idosa com setenta anos, carismática, bondosa, ativa e religiosa, consciente de sua identidade racial, política e humana. O perfil descrito por Montello (2005, p. 198) “Sentada no banco, junto ao muro do quintal da Sé, mantinha o pescoço direito, sem encostar, muito magra, o rosto comprido, uma luz de bondade no olhar”.

Dentro das perspectivas sociais da época, ela era vista como uma negra “velha”, que nada podia fazer a não ser esperar a morte. Mais a mesma desempenha papéis intrínsecos de força, coragem e audácia no combate aos castigos e injúrias do cativo. Conhecida como uma das melhores doceiras do Maranhão, vodúnsi da Casa das Minas, receptora e libertadora de escravos.

Genoveva Pia possui ideias igualitárias, reivindicatórias, com apurado senso de justiça, considerada abolicionista no ponto de vista social, contrária ao regime escravocrata e defensora dos movimentos por liberdade dos escravos. Em sua singularidade não se deixava intimidar e prosseguia em sua luta silenciosa como menciona Montello (2005, p. 300) “Assim que eu faço. Podem me bater, podem me prender, podem me ferrar com ferro de preto fugido, e eu não deixo de fazer o que estou fazendo, dando a mão pros outros negros”.

A imagem dela é construída a partir das lembranças de mulheres negras, que circulavam as ruas de São Luís trabalhando para sustentarem-se. Atualmente na Bahia quanto no Maranhão é comum ver as mulheres com seus tabuleiros, com suas barracas de doces, comidas típicas e acessórios afro-brasileiros, influenciadas a partir das mulheres africanas dos séculos remotos. O cenário da cidade também é construído sobre o importante papel das quitadeiras remediadas, vendedoras escravas e forras que participavam do pequeno comércio local entre as mazelas de sua condição humana.

Como negra alforriada, autônoma, vivia das vendas de seus doces na travessa da Sé, conhecida por muitos transeuntes que passavam diariamente por ali, pelos quitutes e por residir naquele local por mais de vinte anos. Ela trabalhou durante uma década em seu tabuleiro para comprar a carta de alforria, como explica Montello no diálogo entre a doceira e Damião:

— Levei dez anos juntando o dinheirinho dos meus tabuleiros de doce para comprar minha liberdade. No fim dos dez anos minha branca não queria me sortar. Pra que tu quer liberdade Genoveva? Eu nem respondia. Então ela me disse que o dinheiro que eu tinha era pouco, precisava juntar mais... Pois num é que, dias depois minha sinhá caiu de cama pra morrer? Ela mandou chamar o homem do cartório e me deu minha liberdade, quase com a vela na mão, sem querer receber nada. (MONTELLO, 2005, p. 298)

O trabalho árduo faz parte da história de vida dessa mulher, a liberdade formalizada dá-lhe a chance de começar a vida menos atormentada pelo infortúnio do cativo. No entanto a ação da sinhá em alforriar a negra pode ser entendida como um ato de reconhecimento, mesmo que tardio dos esforços e obediência de sua escrava. A economia guardada durante anos, permitiu a ex-cativa comprar uma casa simples em que viveu por toda vida, também serviu de moradia para Damião e esconderijo de negros fujões.

A irmandade com os demais negros fazia com que a negra abolicionista usasse sua casa como local de refúgio para os escravos fugitivos e necessitados de ajuda. São vários os episódios em que o lar desta mulher é referenciado como senzala, diferente daquelas que serviam como cativo, mais como lugar de socorro. Descrita por Montello (2005, p. 287) “Antes de chegar à quinta do Matadouro, e estava defronte da casa baixa, de seis janelas sobre a rua, reboco escalavrado, uma porta de batente de pedra, e que se conhecia arredores como a senzala da Genoveva Pia”.

A morte violenta em que a nochê fora punida por agir com irmandade para com seus irmãos de cor, reforça as afirmações sobre a brutalidade perante a mulher, o desprezo e atos banais contra a raça negra. Vítima do regime escravocrata, Genoveva Pia sacrifica-se em prol dos seus ideais e do plano infrutífero de dá fuga e recomeço de vida a homens e mulheres sofridos. Assim, Montello completa o desfecho da personagem:

Embora já não pudesse ver mais o cabo Machado, porque a ponta da taca lhe alcançara exatamente o olho que enxergavam a velha ainda lhe reconhecia a voz irada e todo o seu corpo magro se contorcia, afeição de uma juçareira no vendaval, enquanto as lapadas cegas se repetiam. O sangue já lhe escorria do rosto e dos braços, manchando-lhe a alvura do vestido, e Genoveva Pia não gemia nem reclamava. Era como se um vodum vingativo a açoitasse, e ela se curvava sobre si mesma, aceitando o novo transe sem protesto, com a consciência de que a vida se esvaía na dança doida do chicote que a castigava. (MONTELLO, 2005, p.359 e 360)

A resignação com que a vodúnsi recebia as chibatadas num transe vingativo do seu vodum marca a ligação profunda com a religião de matriz africana, a consciência de que a vida é uma missão, e ela cumpriu a sua. Também destaca a

coragem e a força feminina no combate a escravidão, tantas outras mulheres tiveram o mesmo percurso e fim trágico que a personagem teve, tornando-se mártir na luta pela liberdade.

4.2 A Resistência Silenciosa como meio de sobrevivência durante á escravidão

De acordo com o dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras (2011), o conceito de resistência é o ato ou efeito de resistir, capacidade de suportar, não a submissão á vontade de (outrem), oposição, reação qualidade de quem demonstra força de caráter, firmeza, persistência. Já o termo silenciosa parte do conceito de silêncio, no que diz respeito à ausência de barulho, calma, sigilo, discrição, segredo. Desse modo esta pesquisa tem o propósito de evidenciar a participação de Genoveva no combate à escravidão no Maranhão. Contrapondo a ideia de resistência silenciosa à aceitação da subserviência, mas como combate a exploração.

Reconhecendo a significação destes termos, muitos estudiosos se empenharam para compreender a história de africanas e afrodescendentes. Desde o período colonial até os dias atuais a figura feminina busca definir seu espaço através de sua identidade, resistindo à escravidão, por vezes de forma silenciosa ou não. E opondo-se às diversas formas de exploração e dominação, agindo como guardiã de suas práticas religiosas e costumes africanos e transformando-se em agentes construtoras de suas histórias.

Na historiografia do país há uma vasta variedade de relatos de revoltas em que as mulheres estão inseridas de forma direta na luta corpo a corpo ou no anonimato, essas resistências partiam de cada uma de forma isolada e depois se tornava coletiva e organizada como Werneck destaca a seguir:

No caso das mulheres negras e suas lutas, é possível considerar que tais formas organizativas tiveram participação importante na organização da série de ações de resistência à escravidão empreendidas ao longo dos séculos que durou o regime no Brasil, tanto aquelas ações cotidianas de confronto entre senhores e escravos, como as fugas individuais e coletivas, os assassinatos (justiçamentos) de escravocratas mulheres e homens, as revoltas nas fazendas e as revoltas urbanas lideradas por africanos e afro-brasileiros que marcaram a história do país e deram uma feição especial a todo o século XIX. Todas tiveram expressiva participação de mulheres em diferentes posições, especialmente de circulação e articulação entre diferentes grupos. (WERNECK, 2008 apud TOKITA, 2013).

Assim, muitas mulheres negras do Brasil como Anastácia, Esperança, Dandara, Aqualtune, Nzinga, Luiza Mahin, Acotirene e de forma mais específicas as maranhenses, Agontimé, Maria Firmino dos Reis, e tantas outras desconhecidas no cenário social e que tiveram grande importância no combate contra a escravidão, mais que ficam na invisibilidade por causa do preconceito e da exploração de gênero e raça. O prosador maranhense buscou no perfil dessas mulheres a mesma estrutura de confronto passivo e violento para compor a saga de Genoveva Pia.

Aborda-se neste estudo, a resistência a partir do silêncio e da concretização das ações contra a escravatura. Josué Montello construiu a personagem negra como uma militante social, defensora da liberdade e dos direitos que o ser humano negro tem na mesma sociedade em que vive os brancos. Neste propósito de luta feminina e contrapondo a ideologia de oposição direta à escravidão, a negra agia com premeditação de suas ideias de liberdade. O mesmo ocorre na obra *Um Defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves, em que a personagem feminina e negra Kehinde age sempre a partir da elaboração de estratégias.

Um fato importante dentro dos movimentos de resistência negra é a autonomia feminina, as transgressões destas no período colonial, ou seja, elas ultrapassaram o limite do conservadorismo, dos preconceitos, das leis injustas, para integrarem os movimentos de revoltas. Muitos dos relatos históricos apontam que essas mulheres foram cruelmente castigadas pelo regime escravista, perderam seus filhos, suas famílias, foram violentadas, assassinadas, mutiladas, isoladas do convívio social. Temendo o fracasso de suas lutas elas se preparavam ainda mais para o combate.

Por isso muitas mulheres se empenhavam em aprender a ler e escrever, capacidades que alguns senhores brancos não tinham. Era comum que negras falassem outros idiomas além da língua africana e portuguesa, também realizava e administrava negócios contabilizando as economias. Quando alforriadas, como é o caso da doceira maranhense, senhora de si mesma, responsável pela sua sobrevivência, não sabia ler nem escrever mais era ciente dos direitos humanos sem a distinção de raça, e que todos deveriam ser iguais perante a lei.

A imagem desta mulher negra num plano físico pode vista como frágil pela questão da idade, franzina, submissa, passiva e a margem da sociedade, porém no decorrer da narrativa observa-se que ela está inserida num universo simbólico de coragem e audácia. Assim como muitas mulheres que reagiram a

todas as formas de opressão, deixando por vezes a passividade, participando dos movimentos de força, além disso, elas motivavam os homens a não desistirem do combate, como mencionado no trecho de um diálogo entre Damião e Genoveva:

Ele se tinha encostado ao muro com um pé na parede, olhando a velha seca e espigada, que lhe falava em tom energético, cheia de brio. Sempre a imaginara mansa, cordata, submissa. E tinha agora diante dos olhos outra Genoveva Pia, que lhe devassava o pensamento, adivinhando-lhe o infortúnio. De fato, sentia-se deprimido, como se alguma coisa o esmagasse. (MONTELLO, 2005, p. 256)

A anciã desempenhou um papel significativo na vida do negro Damião, ela o reaproximou das tradições religiosas africanas, favoreceu os laços de amizade entre ele e as outras vodúnsis. Além de influenciar a consciência política e motivá-lo para que o mesmo estivesse à frente dos movimentos abolicionistas, para que este não se deixasse abater pelas dificuldades e nem se intimidar pelos preconceitos, encorajando-o a lutar pelos mesmos direitos usufruídos pelos brancos.

O silêncio das práticas exercidas pela negra era uma forma de sobreviver ao regime escravocrata, de não aceitar a condição de vida imposta pela dominação branca, o trabalho de vendedora de doces era a garantia de sua independência e da sustentação longe da casa de seus senhores. A relação de amizade com negro Damião estabelecia as percepções igualitárias e fortalecia o projeto de uma resistência, no intuito de colocá-lo no mesmo nível social que os brancos, para que frequentasse os mesmos lugares, almejasse e ocupasse os mesmos cargos e posições sociais. Contextualizado no diálogo destes amigos:

— Sempre gostei de ver um negro todo nos trinques. Isso, Damião. Assim que eu gosto de te oiar.
 Ele sorriu, vexado, não sabendo se ela falava serio ou se zombava dele. E ensaiando uma desculpa:
 — Como professor do Liceu, tenho de andar assim.
 — E faz muito bem — apoiou a velha.
 — Tu mostra que preto, quando quer, também sabe luxar. Negro também é gente. Cadê o chapéu? E a bengala? Tem muito branco que, quando te ver, fica banzando, de boca aberta. Benza te Deus. Pra frente que é se anda. (MONTELLO, 2005, p. 336)

É evidente nas falas e no contexto da vida desta mulher que a mesma acreditava nos resultados da silenciosa resistência travada por ela, mais ao mesmo tempo sabia que era necessário usar mais vigor e audácia nos conflitos. A doceira queria que o jovem se transformasse em advogado dos negros, fato que se concretizou após a tragédia que a envolveu.

O desejo em transformar seu amigo num combatente mais ativo do que ela justificava essa perspectiva de apoio ao rapaz. Uma mulher a frente de seu tempo,

não se subestimava pela idade, sua capacidade de agir era inigualável, durante o dia ocupava-se com os imensos tachos de doce e a noite aos trabalhos religiosos e articulações das fugas dos negros escravizados que pediam sua ajuda. Como perceber-se na citação a seguir:

—Não pense ocê que é só o cabo Machado que quer acaba com a Genoveva Pia. Não sinhô. Tem muito negreiro que quer ver o Diabo e não quer me ver. E eu sou a peste. Se eu morresse, eles davam uma festa. Mas eu não morro, eu vou tirando os pretos da unhas deles, pra botar no barco dos amigo e sortar longe daqui. Já perdi a conta dos negros que já mandei embora. E toda vez que sorto mais um, fico de alma lavada. (MONTELLO, 2005, p. 298)

Preservar a cultura original era uma forma de manter ligação com a África e com os antepassados, mesmo que escondido dos olhos de seus senhores para sobreviver em meio à cultura européia e de todos os sentimentos mais complexos que um ser humano pode ter quando isolado do lugar em que nascera. Para Slenes (1999 apud ROSSI, 2007) “Outras vezes, a resistência podia vir no preservar sua cultura original na construção de senzalas, que não divergiam aqui no Brasil das construções africanas”.

O sincretismo foi uma ação de subsistir que a personagem Genoveva e outros africanos aderiram para preservarem suas tradições religiosas como os cultos aos deuses africanos. A Casa das Minas, terreiro, lugar de encontro dos negros, libertos e cativos, era também refúgio da cultura, da dor, do encontro com ancestralidade e de revitalização de forças para o combate diário. Como descreveu Montello (2005, p.278, 280), “Era ali um negro entre negro, e tudo redor contribuía para aguça-lhe no espírito a consciência da raça [...] em verdade, só eram livres ali, na Casa-Grande das Minas, enquanto ressoavam os tambores”.

Enquanto ela agia no silêncio da madrugada, ajudando seus irmãos de cor nas fugas constantes, sendo mediadora entre os cativos e a chance de serem libertos da escravidão. A presença marcante desta mulher na obra reforça a ideia de que a figura feminina é sinônimo de força e coragem nos movimentos de libertação.

No entanto, para Genoveva Pia a noite era de trabalho. Refugiados na sua casa, dezesseis negros aguardavam que velha os livrasse do cativeiro, antes que rompesse o novo dia. Protegidos pelas sombras da noite, tinham chegado até ali cosendo-se às paredes. [...] Os demais tinham saído da casa de seus senhores, nos trajas comuns, com a camisa das calças, a pretexto de ir ver o boi dançar. (MONTELLO2005, p. 348)

Em muitos capítulos do romance encontram-se os relatos de humilhações sofridas pela militante, como prisões, açoites, torturas, perseguições, ameaças de

morte e o assassinato brutal cometido pelo cabo Machado, que cumpriu com sua antiga vingança contra a negra. Conforme relata Montello na citação abaixo:

— É naquele barco que ocês vão— anunciou a velha. E foi nesse momento que, de improviso, como se aflorassem de emboscada, surgiram os guardas do Cabo Machado, com á frente empunhando uma chibatada. Dir-se-ia que estavam ocultos nas moitas ou por trás das árvores. Eram muitos, talvez uns trinta, cada qual com a sua pistola e o seu chicote, aproximando-se dos negros. Genoveva Pia para como siderada, e foi a primeira a receber em cheio, por cima da cabeça, uma lapada doida que a tonteou. (MONTELLO, 2005, p. 359)

Genoveva Pia, a forte mulher que não aceitava a condição inferior e desumana que era imposta a todos os negros, resistiu de forma passiva e vigorosamente a toda forma de exploração, injúrias, castigos, preconceitos e angustias da vida em cativo. Assassinada de forma violenta na frente da igreja do Desterro, por aqueles que representavam a justiça da elite branca.

4.3 A religião de Genoveva Pia: vodúnsi da Casa das Minas

No decorrer da obra, percebe-se que os tambores estão a todo instante acompanhando Damião e muitos dos outros personagens negros, a figura de Genoveva é diretamente ligada ao culto de voduns, ao baticum² e os tãntãntãns³ vibrantes e energéticos de um dos templos afro-religioso mais antigo do Brasil: a Casa das Minas ou Querebentã de Zomadônu (terreiro em língua africana), como destaca Reginaldo Prandi:

Em São Luís e outras cidades do Maranhão, a religião dos voduns recebeu o nome de tambor-de-mina, alusão à presença constante dos tambores nos rituais e aos escravos minas, como eram ali designados os negros sudaneses. Trata-se de religião iniciática e sacrificial, em que os sacerdotes são ritualmente preparados para "incorporar" as divindades em transe. As entidades manifestadas, que podem ser voduns ou encantados (espíritos), vêm à terra para dançar em cerimônias públicas denominadas tambor. [...] Segundo tradição africana que se manteve no Brasil, cada humano pertence a um vodum, sendo para ele ritualmente consagrado em cerimônias iniciáticas, como ocorre no candomblé dos orixás. (PRANDI, 2005 p. 03)

As práticas religiosas se tornaram ao longo do tempo as marcas trazidas da África e os valores de suas culturas são de relevância acentuada. No Maranhão o Querebentã de Zomadônu uma peculiaridade, um templo afro-religioso fortificado de identidades negras esmaecidas, conservado durante séculos. Os tambores que lá

² Termo refere-se ao som produzido pelos tambores

³ Onomatopéia dos sons dos tambores

ressoam não são meros objetos, mais visto como parte importante no culto. Os sons têm o caráter de re-africanizar uma parte do espaço urbano de São Luís, reafirmando os valores culturais de um povo, permitindo à reconquista e a reconstrução destes preceitos resistentes a cultura dos brancos.

Atualmente a Casa das Minas, mesmo após séculos de existência, continua com a mesma estrutura arquitetônica colonial, e referenciada internacionalmente como templo religioso de matriz africana, um dos primeiros estabelecidos no Maranhão. Na figura um que se encontra em anexo observa-se este detalhe da preservação da casa, um dos cenários escolhido pelo escritor de *Os Tambores de São Luís* para compor seu romance, como o próprio título da obra já condiz.

O próprio Josué Montello descreve sobre o sentimento de excitação e de força que emana dos tambores rituais da Casa das Minas, experiência absorvida na infância ao ouvir os sons tão comuns na capital e revivida durante várias visitas ao terreiro para compor seu trabalho literário. Recebido por uma mãe de santo muitas vezes durante suas pesquisas no terreiro, o romancista capta a energia e o misticismo que envolve as crenças africanas e os laços entre os povos de tão rica herança cultural. Acolhido pela matriarca escutou e viu o rufar dos instrumentos.

Daí a inspiração para compor a personalidade da negra Genoveva, refletida nos cânticos em louvor as entidades espirituais, os voduns que rodopiavam no salão através dos corpos das mulheres, as filhas de santo. Como destaca Montello (1975, p. 661) “Sentei no comprido banco [...] alonguei o olhar para o amplo terreiro, onde se esgalha a cajazeira sagrada, e tive a antevisão das velas acesas enquanto retumbam os tambores e dançam as noviches vestidas de branco”.

Porém entre estudos antropológicos como os de Sergio Ferreti (1996) e de Manoel Pereira (1979) sobre as religiões afro-brasileiras, que catalogam as mulheres que participavam dos terreiros no século XIX, não se encontra registros de nenhuma negra cujo nome seja de Genoveva Pia, dentre as que habitavam o terreiro de Mina. O que reafirma a teoria de que o escritor tenha partido para o ficcional ou uma homenagem para antiga conhecida que recebeu a dedicatória do romance, na qual diz Montello (2005, p. 7) “À memória da preta mina Verônica, que me benzeu com seu raminho de arruda”.

A fé da filha de santo nas entidades é observada nas atitudes de coragem em que ela se arriscava para ajudar os irmãos de cor, como uma fonte de energia e

vitalidade os cultos e oferendas realizados marcavam profundamente a vida daquela mulher. Como a mesma afirma no diálogo com Damião:

—Com meu vodum do meu lado, e com meu Deus lá em riba me oiando, ninguém muda Genoveva Pia. E eu não tou só, Damião. Outros pretos me ajudam. Já faz mais de dez anos que saiu a lei dizendo que não vinha mais preto da África pro Brasil. Mentira, meu fio. Ainda vem. Vem no fundo do barco, e é tudo metido de noite na caua da Praia grande. (MONTELLO, 2005, p. 300)

No Tambor de Mina, somente as mulheres assumem a responsabilidade de cuidar e administrar o terreiro, o que justifica a afirmação da existência de um matriarcado, muitas mulheres são lembradas como "pilares" do culto jeje⁴. Montello elenca a existência verídica de muitas guardiãs das tradições religiosas na obra, mulheres que durante muitos anos dedicaram suas vidas para o zelo dos cultos aos orixás. Montello afirma isso nas palavras da vodúnsi:

— Mas tu precisa conhecer o tambor de mina. Vai lá. É na Casa das Minas, na rua de São Pantelão. De noite, não tem errada: basta ouvi o tambô tocando. Lá eu sou noviche, tenho o meu vodum, que anda comigo. Vai conhecer Mãe Hosana. É a nochê de nós todo. Tu é preto, e preto puro de boa raça, como teu pai. Te chega aos pretos. Mãe Hosana vai gostar de te ver. (MONTELLO, 2005, p. 198)

A Genoveva assumiu ao desenrolar da obra uma função importante de ser orientadora espiritual do personagem principal, ela convidou-lhe para participar dos rituais, ensinou a localização da Casa das Minas, e preparou a acolhida do mesmo. A noviche pertencia ao grupo de negras que zelavam pelo vodum, e mantinham respeito à matriarca. Grupos que hoje se organizam em associações como Bloco Afro Akomabu, Geledes e Mãe Andressa dentre outros.

Essas associações e movimentos femininos existentes hoje são frutos de formações de grupos de mulheres negras no passado. Em África as mulheres se reúnem para várias atividades, desde o trabalho até as preparações das celebrações religiosas, o que são semelhantes às práticas brasileiras. Nos cultos do tambor de mina as mulheres exercem mais influências, poucas tarefas são executadas por homens, são elas que iniciam os toques e apresentam os voduns. Desde a fundação desta casa as tradições se perpetuam, com o uso de trajes e acessórios próprios dos rituais como exemplificado na figura dois em anexos.

A Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) desenvolvem pesquisas, sobre a questão racial e religiões de

⁴ Termo usado para etnia africana do povo ewe-fon, da região do antigo Daomé, atualmente Benim.

matriz africana. Traçam perfis históricos e socioculturais que envolvem realidades de mulheres como Genoveva Pia, que dedicam suas vidas e zelam pelos terreiros estabelecidos no Maranhão. Esses estudos contribuem para registrar e compreender as formações das comunidades religiosas existentes no Estado. O Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN-MA) e o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) fazem o mapeamento destes grupos de mulheres negras e dão assistências a elas.

A vida em comunidade também é destacada no romance, Genoveva Pia estabeleceu laços de amizade com outras mulheres negras e essa irmandade era tida como algo sagrado dentro do terreiro. Sem dúvida ela representou as mulheres de seu tempo, tanto na coragem quanto na religião. Consciente de sua missão e da fé nas entidades africanas prossegue nos planejamentos de fuga, o que lhe custou à vida. O assassinato trágico e impiedoso é símbolo de sacrifício por uma causa. Chicoteada em via pública, não disse nenhuma palavra que expressasse arrependimento ou medo, num plano de misticidade ela entrega a si mesma como oferenda a seu vodum.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra de Josué Montello, destaque da literatura Maranhense, se estabelece uma relação entre o autor e a percepção do leitor, em uma perspectiva que lança um olhar de humanidade e de criticidade, sobre as injustiças sofridas pelos negros e seus descendentes, até o presente momento. Além de fazer uma analogia à situação vivenciada por uma das personagens principais, Genoveva Pia, em meio às mazelas da escravidão sofridas por homens, mulheres e crianças africanas.

O escritor faz um panorama de todo contexto maranhense da era colonial e dos trezentos anos de escravidão, revelando os traços psicológicos, econômicos e religiosos de classes e gêneros da sociedade oitocentista. Além de destacar nas entre linhas o papel significativo das mulheres cativas no processo de resistência e abolição da escravidão. Neste plano a negra Genoveva Pia, representa todas aquelas que ficaram na invisibilidade histórica, que dedicaram a sua vida para conquista da liberdade.

Assim, o desenvolvimento desta pesquisa possibilitou a reflexão sobre a importância das mulheres negras no período escravocrata, enfatizando os fatores positivos do papel social que as cativas exerciam tanto no combate a escravidão como na construção da história do país e de forma especial do Maranhão. Mais que não possuem destaque merecido, até mesmo nos livros didáticos são raras as abordagens que evidenciam a vida e feitos destas mulheres.

Elas que tanto se faziam presente nos movimentos passivos e fervorosos, ao lado de homens que se tornaram símbolo de resistência escrava, como Dandara, companheira de Zumbi no quilombo dos Palmares. Muitas foram as que estiveram, e que ainda permanecem vítimas pelos descasos e ruínas que envolveram os negros maranhenses, a margem da sociedade, exploradas e oprimidas. As mulheres ainda continuam sendo vítimas de agressões e assassinatos. De acordo com a pesquisa feita pelo IPEA no Maranhão, a taxa de feminicídios é de 130% e vem aumentando nos últimos dez anos.

Dentre esses casos de violências a maior porcentagem se refere a mulheres negras, cerca de 97% das ocorrências, esta estimativa é alarmável. O racismo é um dos fatores para essas agressões letais. O jornal Imparcial divulgou no dia vinte sete de setembro do corrente ano dados de uma pesquisa elaborada pelo

FBSP, onde 43% das mulheres negras entrevistadas relatam terem sido assediadas nas ruas, transportes públicos ou no ambiente de trabalho. Em séculos passados elas eram vistas como objeto sexual e trabalho, agredidas e violentadas a todo o momento por seus senhores, estes casos não divergem muito das situações atuais.

Outro fator relevante é a continuidade da resistência negra que se configura atualmente, nas políticas públicas de valores étnicos raciais, nos fóruns judiciais, através de processos contra todo tipo de violência contra a mulher negra e no ato de preservar as tradições culturais, na identidade dos afrodescendentes, nas práticas religiosas, nos vestígios da linguagem africana, na arte visual de forma geral, do corpo, da moda. A expressão corporal sempre foi uma das armas mais eficaz de combate silencioso de preservação da cultura negra.

Muito se fala em “identidade negra”, “assumir-se como negro”, o que significa viver ou reafirmar valores e traços culturais africanos. Sabe-se que durante o período da escravidão muitas foram às tentativas da sociedade branca e ocidental em “cristianizar” e “humanizar” os africanos. E que até os dias atuais negativizam as heranças africanas e impedem que os negros se reconheçam como pertencentes a esse povo por causa das intolerâncias.

Enfatizando a problemática, da falta de valorização da mulher negra no contexto social atual, e dos preconceitos sofridos por elas, como o machismo e racismo, requer ampliação das políticas públicas que já existem em nossa sociedade. Levando em conta que as desigualdades de gêneros têm fortes influências do passado, ou seja, são frutos de séculos de exploração feminina e do patriarcalismo e que precisam ser extintos. É preciso intensificar a conscientização sobre a importância de denunciar os casos de violências contra a mulher.

Portanto, mudar a concepção de superioridade entre raças, classes sociais e gêneros através da disseminação do conhecimento e das contribuições destas na construção física e cultural de nossa sociedade. Reorganizar o plano educacional brasileiro e incluir nas práticas pedagógicas a construção de projetos e leituras que resgate a historiografia feminina e negra. Destacando-as como militantes nas lutas pela sobrevivência de milhares de escravos, tornando-as também símbolo resistência negra e patronas de seus Estados de origem.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.
- BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **A África está em nós: historia e cultura afro-brasileira**. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2006.
- BOTELHO, Juan. **Conhecendo e debatendo a historia do Maranhão**. São Luís: Gráfica e Editora Impacto, 2009.
- DICIONÁRIO. **Escolar da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa (Evanildo Bechara organizador). São Paulo: companhia Editora Nacional, 2011.
- FARIA, Regina Helena Martins. **Demografia, escravidão africana e agroexportação no Maranhão oitocentista**. São Luís: Ciências Humanas em Revista, 2004.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. - 15^o. ed. rev.- São Paulo: Global, 2004.
- _____. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal: apresentação de Fernando Henrique Cardoso. – 48^o ed. rev. – São Paulo: Global, 2003.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de Cor**. Romance. 13. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- G1. Globo. **Dados de Violência Contra a Mulher**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/maranhao/-noticia/taxa-de-homicidios-em-mulheres-cresce-no-maranhao.ghtml>> acessado em 26 de outubro de 2017.
- HILL, Telenia. **JOSUÉ MONTELLO**: Um trajeto luminoso. Suplemento cultural Guerra Errante: Anuário. São Luís. Jornal Pequeno, 2007.
- JORNAL, O Imparcial. **Mulheres negras unidas enfrentam o racismo e a violência**. Disponível em: <<http://www.oimparcial/unidas-mulheres-negras-enfrentam-o-racismo-e-a-.br>>. Acesso em: 30 de agosto 2017.
- MARANHÃO, Secretária de Estado da Cultura. Casa de Cultura Josué Montello. **Leituras críticas de romances de Josué Montello**: ensaios reunidos. - São Luís: Edições SECMA, 2009.
- MONTELLO, Josué. **Os Tambores de São Luís**: romance. 12. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MOUTINHO, Laura. **“Raça”, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul**. Campinas: Cadernos Pagu, n 23, 2004.

NERES, José. **Montello: o Benjamim da Academia**. São Luís, ed. Carajás, 2008.

_____. **Montello: um múltiplo homem de letras**. São Luís. Jornal do Maranhão, nº 94 – agosto de 2017.

PRANDI, Reginaldo. **Nas pegadas dos voduns: um terreiro de tambor de mina em São Paulo**. São Paulo: Empório de Produção, 2005.

SANTOS, Barbara Rossi Munck dos. **Resistência Negra Cotidiana - Juiz De Fora No Século XIX**. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/historia/Mulheres negras século XIX. pdf](http://www.ufjf.br/historia/Mulheres%20negras%20s%C3%A9culo%20XIX.pdf)>. Acesso em: 31 de julho 2017.

SANTOS, Regina Rodrigues dos. **O SERTÃO MARANHENSE NO CONTEXTO DA BALAIADA: conflitos e contradições**. In: II SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA, 10., 2011, São Luís. Livro de Resumos... São Luís: UEMA, 2011. Disponível em: <<http://www.uema.br>>. Acesso em: 30 de novembro 2017.

SILVA, Régia Agostinho da. **Escravidão e resistência no Maranhão: anúncios e fugas escravas no século XIX**. São Luís, 2014.

TOKITA, Márcia Figueiredo. **Mulheres negras**. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/marcia_GVII.pdf>. Acesso em: 05 de agosto 2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. **Manual para elaboração do trabalho de conclusão do curso**. São Luís, 2014.

VILA, Ivonete Costa; CRUZ, Paulo Divino Ribeiro da. **Mulheres negras no século XIX: entre a submissão e a rebeldia**. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Coluna Sala de Aula. Disponível em: <[http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Mulheres negras século XIX.pdf](http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Mulheres%20negras%20s%C3%A9culo%20XIX.pdf)>. Acesso em: 31 de julho 2017.

RATTS, Alecsandro JP. **Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras**. XXVII Encontro Anual da ANPOCS, 2015.

ANEXOS

Figura 1- Casa das Minas atualmente



Fonte: www.museoafro.ufma.br

Figura 2- Tambor de Mina



Fonte: www.museoafro.ufma.br